



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL  
MONOGRAFIA EM LITERATURA**

**JULIANA ALVARENGA LEITE  
11/0125584**

**UM OLHAR SOBRE A SOLIDÃO DO HOMEM NA  
METRÓPOLE**

**Orientador (a):  
Adriana de Fátima Barbosa de Araújo**

**BRASÍLIA – DF  
2º/2017**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sua infinita graça e por me mostrar que seu amor e cuidado vão muito além do que eu posso imaginar.

À minha família: meus pais e meu irmão, por todo apoio, zelo e compreensão, em especial à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, sorriu quando eu sorri, chorou quando chorei, me ensinou a ter fé e a ser forte; minha avó Adalgisa e minhas tias Ester, Rachel e Lenita, pelas orações; e à tia Dinair Leite, por me mostrar aquilo que meus olhos não conseguiam ver.

À minha irmã de coração, Mariana, obrigada por simplesmente tudo.

Aos meus queridos amigos, pelo cuidado e companheirismo ao longo desta caminhada.

À professora Adriana, pelo apoio, compreensão e paciência.

A todos que de alguma forma fizeram parte deste capítulo da minha história, muito obrigada!

Além da Terra, além do Céu,  
no trampolim do sem-fim das estrelas,  
no rastro dos astros,  
na magnólia das nebulosas.  
Além, muito além do sistema solar,  
até onde alcançam o pensamento e o coração,  
vamos!

**Carlos Drummond de Andrade**

## I. Introdução

Esta monografia tem como objetivo analisar o comportamento do homem diante dos desafios e conflitos que a nova vida na cidade grande lhe impõe. Para isso foram selecionados cinco poemas da obra *José*, do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade: *A bruxa*, *O boi*, *Rua do olhar*, *José* e *Rostos imóveis*; que trazem em si a temática do “sentir-se sozinho na multidão”. Para substanciar os argumentos e reflexões aqui apresentados, tomou-se como aporte teórico as obras de alguns críticos que escreveram sobre a poesia Drummondiana, como, *Verso universo em Drummond*, de José Guilherme Merquior; *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*, de Jhon Gledson; *Carlos Drummond de Andrade*, de Sônia Brayner e *No vasto mundo de Drummond*, de Letícia Malard.

Nascido em 1902, na cidade de Itabira, em Minas Gerais, Drummond vivenciou sua infância e juventude no contexto da República Velha, período que se estendeu de 1889, quando houve a queda da monarquia, até 1930, ano em que Getúlio Vargas, por meio de um Golpe, dá início a um novo período político no Brasil, a República.

Nessa época, a política brasileira se fundamentava na supremacia dos grandes latifundiários, principalmente cafeicultores e pecuaristas, concentrados mormente em São Paulo e Minas Gerais.

Ainda no fim do século XIX, com o fim da escravidão e o começo da imigração, o cenário social do país começou a se modificar e essa transformação se intensificou ainda mais com a Primeira Guerra Mundial. Este conflito, antagonicamente, faz o Brasil prosperar. Há o desenvolvimento da indústria, em razão dos países aliados comprarem todos os tipos de produtos brasileiros, e também em função da crise mundial, que força o país a produzir para consumo próprio. Surgem inúmeras fábricas e indústrias se instalam, alargando e estruturando um proletariado urbano, atraindo cada vez mais pessoas para as grandes cidades. A partir de então, é traçada a luta entre a tradicional sociedade agrária e os centros urbanos, onde começa a se formar uma burguesia industrial.

Evidentemente, Drummond, enquanto criança, não participa de vários dos acontecimentos desta Primeira República, mas, quando jovem, vivencia essa transposição da pacata vida interiorana para o agitado e confuso cotidiano da

metrópole. Destarte, os impactos, conflitos, sensações e sentimentos decorrentes da migração do homem, saindo do interior rumo aos grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida, foram temas constantes em sua poesia. Essas inquietações do homem moderno, recém-chegado à metrópole, incitam Drummond a tecer poemas que evidenciam a angústia do eu no mundo, a solidão desse eu em conflito com a realidade que o cerca: a cidade agitada e barulhenta, tão dissemelhante do campo tranquilo e silencioso.

Ao mesmo tempo reencontramos nossa observação geral: o fato de haver ele próprio vivido a passagem do rural ao urbano, característica do Brasil depois da Grande Guerra, predispõe o poeta a contemplar sem indulgência os aspectos desumanizantes, mecanizadores da vida moderna. (MERQUIOR, 1975, p.54).

Drummond esboça o indivíduo conturbado ante a solidão ironicamente impregnada na agitação da cidade, em especial no seu quarto livro de poemas, *José*, publicado pela primeira vez em 1942, no final de uma coletânea intitulada *Poesias*.

No livro em questão, verifica-se um conflito entre o “espaço que os poemas tentam estabelecer, e o esforço do poeta para escapar desse mesmo espaço.” (GLEDSON, 1945, p.142). A sensação de vazio que aflige o eu-poético é um dos principais motivos, senão o principal, que o leva a querer fugir desse ambiente que o oprime.

É mesmo um fato evidente que os poemas mais característicos desta pequena coletânea dão a sensação de um espaço restritivo que o poeta queria abolir: “A bruxa” é o exemplo mais óbvio, mas o mesmo pode-se dizer de “O boi”, “Edifício Esplendor”, “Rua do Olhar”, e “Viagem na família”. (GLEDSON, 1945, p.142).

## **II. O eu perdido e solitário no vasto mundo**

A poesia moderna trouxe uma reflexão sobre o indivíduo e seu modo de vida, seus conflitos, anseios, ganhos e perdas, seu “estar” no mundo. Como já foi dito, com a Revolução Industrial, as cidades passaram a atrair os camponeses, antes acostumados a uma vida simples e tranquila, onde se formavam rodas de amigos para conversar sem a pressão do tempo, que não corria contra si mesmo. As horas, que não eram marcadas com a precisão do cumprimento, muitas vezes, na falta do relógio, eram vistas pela sombra das árvores projetadas pelo sol, rotina não havia, pois a lua a quebrava com seus ciclos.

As alegres festas tradicionais, de muitas danças e cantorias, o ajudar uns aos outros como podiam – cada um, com seus pequenos conhecimentos sobre assuntos diversos, se uniam aos outros para resolverem seus problemas –, as alegrias compartilhadas contagiavam, dimensionavam e faziam parecer duradouras até serem quebradas pela dor, mas esta também era sentida por todos, isso acalentava a alma e diminuía o sofrimento. Porém, para o físico, a vida no campo era árdua e sem conforto, e o homem anseia mais. Ele, então, olha para as cidades que agora industrializadas oferecem oportunidades e muitos atrativos, como as luzes, as vitrines, o bondinho... E ignorando o toma-lá-da-cá da vida, ele parte para sua nova morada.

Os centros urbanos, cada vez maiores, cobram o seu preço para se ajustarem e conseguirem desempenhar sua tarefa de comportar em si o peso de milhões de pessoas aglomeradas, eles precisam assumir um ritmo frenético de tempo, de encaixes, de senhas, de filas, de escadas, de produção, de distribuição, de trânsito... Delinear espaços cada vez menores e aglutinados, fazendo necessário o surgimento de uma lei natural da “boa convivência”, compreendida e aplicada a todos: conhecer o seu limite, respeitar o espaço do outro, a vez do outro, o silêncio do outro... E neste contexto, surge o isolamento do homem, não buscando o seu bem próprio, mas o “não incomodar”.

Em “A bruxa”, poema de abertura do livro *José*, o eu-poético se encontra neste cenário, isolado na cidade grande, solitário entre dois milhões de pessoas. Inconformado com o paradoxo de tal situação, ele começa seu poema mostrando a contradição que desafia a lógica, e parece duvidar do seu estado:

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?  
Ainda há pouco um ruído  
anunciou vida ao meu lado.  
Certo não é vida humana,  
mas é vida. E sinto a bruxa  
presa na zona de luz.

O barulho de um inseto, provavelmente uma vespa atraída pela luz, anuncia que ele não está tão só, e numa forma de demonstrar seu descontentamento por não ser

a companhia que ele queria, faz questão de chamá-lo de bruxa, nome pelo qual tal inseto também é conhecido por sua aparência asquerosa, o estereótipo da mulher má e indesejada. Nesta linha de pensamento, ele quer deixar claro que sua solidão é também indesejada, então coloca o nome em seu poema: a bruxa. Gledson (1945, p.153) afirma que a metáfora da bruxa “presa na zona de luz” sublinha a ideia da luta para fugir. Mas, assim como o inseto está preso na zona de luz, o eu-poético está preso em sua solidão.

O autor prossegue frisando com exclamação os dois milhões de habitantes da cidade do Rio, numa tentativa de exigir que tal situação lhe assegurasse o direito de ter uma companhia humana, porém mostra também que o paradoxo não está apenas no espaço externo, mas dentro de si. Ele quer uma companhia como nos tempos passados, todavia, já contagiado pelo isolamento, não quer ser incomodado, portanto, quer um amigo “calado, distante, que lê verso” - indicando que possuem algo em comum - e que esse amigo secretamente influencie a sua vida, mas tantas exigências dificulta encontrá-lo, e ele coloca a culpa na noite:

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto...  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,  
que leem verso de Horácio,  
mas secretamente influem  
na vida, no amor, na carne.  
Estou só, não tenho amigo,  
e a essa hora tardia  
como procurar amigo?

Percebendo a sua exigência, o autor se refaz e novamente afirma que nem precisava tanto, precisava de mulher, uma mulher para receber o que ele tinha para oferecer, expondo, assim, que a necessidade humana não se restringe a receber, mas a se doar também. Enfatiza outra vez que em dois milhões de habitantes, quantas prováveis mulheres estariam a esperar, se olhando no espelho e interrogando a si mesmas, a fim de se reconhecerem, pois o tempo passou e elas já não são as mesmas, não fizeram o que deveriam ou queriam ter feito, e isso as consome, porém chega a manhã, a rotina do dia a dia as fazem esquecer de suas aflições, trazendo-lhes calma, mas o poeta deixou passar a hora de encontrá-las.

E nem precisava tanto.  
Precisava de mulher  
que entrasse neste minuto,  
recebesse este carinho,

salvasse do aniquilamento  
um minuto e um carinho loucos  
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,  
quantas mulheres prováveis  
interrogam-se no espelho  
medindo o tempo perdido  
até que venha a manhã  
trazer leite, jornal e calma.  
Porém a essa hora vazia  
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!  
Tenho tanta palavra meiga,  
conheço vozes de bichos,  
sei os beijos mais violentos,  
viajei, briguei, aprendi.  
Estou cercado de olhos,  
de mãos, afetos, procuras.  
Mas se tento comunicar-me  
o que há é apenas a noite  
e uma espantosa solidão.

Mesmo com tanto a oferecer - tem palavra meiga, sabe ser viril, pode ser engraçado imitando os bichos, é viajado, conquistador, tem conhecimento – se frustra, pois não tem para quem contar suas bravuras e compartilhar os seus dotes. Sozinho, a noite parece ter-lhe pego de surpresa e ele se espanta com a solidão.

*A alienação do homem na cidade moderna é, outra vez, assunto de “A bruxa”. O poeta está só no seu quarto, com um desejo ansioso de companhia, mas sem possibilidade de comunicar-se e, sabendo que a mesma necessidade existe noutras pessoas, fica contudo reduzido à completa solidão, outra vez expressa pela imagem da noite: ‘o que há é apenas a noite e uma espantosa solidão’. (GLEDSON, 1945, p.153).*

O poeta descreve que a vida na cidade traz ganhos, mas se não forem partilhados podem inverter o resultado da soma, levando o homem a perder mais do que ganhar, pois ele perde o prazer do convívio e interação entre as pessoas, embora viva entre milhões. Destacando sempre a noite como a hora das impossibilidades, ele demonstra que o dia não foi aproveitado corretamente, coisas importantes como procurar um amigo ou companhia foram negligenciadas, e a solidão, a “bruxa”, é a consequência de uma vida agitada que inevitavelmente segue para o vazio da noite, e neste estado só resta confessar-se solitário.

Companheiros, escutai-me!  
Essa presença agitada  
querendo romper a noite



não é simplesmente a bruxa.  
É antes a confiança  
exalando-se de um homem.

Seguindo a mesma temática, o poema “O boi” também retrata a solidão do homem na metrópole vastamente povoada. O poeta descreve tal sentimento sob uma nova perspectiva, fazendo um paralelo entre o boi no campo e o homem na grande cidade. O animal, na solitude de seu imenso *habitat*, não tem ninguém para observá-lo, e o homem, em meio ao alvoroço de pessoas e objetos dos grandes centros urbanos, sente-se angustiosamente solitário.

Ó solidão do boi no campo,  
Ó solidão do homem na rua!  
Entre carros, trens, telefones,  
Entre gritos, o ermo profundo.  
Ó solidão do boi no campo,  
Ó milhões sofrendo sem praga!  
Se há noite ou sol, é indiferente,  
A escuridão rompe com o dia.

O campo, lugar de habitação do boi é imenso despovoado e vazio; porém, as ruas da cidade estão cheias de carros, trens, telefones e gritos, recursos que possibilitam o encontro e a comunicação entre os homens; no entanto, inexplicavelmente milhões sofrem sem estarem doentes “não há praga”, mas estão sucumbidos a uma solidão que se agrava durante a noite, o que para o boi é irrelevante, a noite é apenas um espaço escuro entre um dia e outro.

[...] o paralelismo dos dois primeiros versos repousa numa aproximação inaudita: o boi e o *homo urbanus*! Mas é a imagem rural, tão familiar ao ex-fazendeiro Drummond, que apreende por via analógica a profunda solidão do homem perdido na massa [...], exilado do sentido da existência [...], navegador à deriva deste frio que é a *lonely crowd*, a multidão das cidades modernas<sup>1</sup>, o indivíduo paradoxalmente só na agitação frenética das concentrações urbanas: ‘*Entre carros, trens, telefones, entre gritos, o ermo profundo*’. (MERQUIOR, 1975, p.58)

Na perspectiva do boi, a cidade é inexplicável e as casas, tão necessárias para o homem, não lhe acrescenta nada, seus dias são livres de expectativas. Enquanto os homens se atormentam, “*torcendo-se calados*” com a espera ou procura das oportunidades que sorratamente passam por eles como navio-fantasmas, mas entre a multidão tais oportunidades não são percebidas por todos.

Ó solidão do boi no campo,  
Homens torcendo-se calados!

---

<sup>1</sup> V. David Reisman (et. Al.), *The Lonely crowd*, Yale University Press, 1950.

A cidade é inexplicável  
E as casas não têm sentido algum.  
Ó solidão do boi no campo!  
O navio-fantasma passa  
Em silêncio na rua cheia.

Assim como a torre de petróleo - produto que traz riquezas e faz o progresso acontecer - num campo imenso é ignorada pelo boi, e este continua só, o valor do companheirismo “mãos unidas” é negligenciado pelo homem, condenando assim a vida ao caos. No entanto essa vida seria salva se uma tempestade de amor caísse... Mas não há previsão para essa chuva, “o tempo é firme”, tudo continua igual, o boi no campo e o homem na cidade, ambos solitários:

Se uma tempestade de amor caísse!  
As mãos unidas, a vida salva...  
Mas o tempo é firme. O boi é só.  
No campo imenso a torre de petróleo.

Em “*Rua do olhar*”, o poema apresenta certo grau de singeleza, porém é inegável sua relação com o estado de alma do seu autor, seus anseios e buscas. Nele, o poeta demonstra seu fascínio pelo subjetivo, onde ele pode vagar na imaginação sugerida pelo nome de uma rua. A rua é pública e muitos passam por ela, outros vivem nela, sem deixar nenhuma impressão ou opinião pessoal, mas a alma poética do autor capta esta sugestão e se apega a ela. Não descreve algo físico - como prédios, vitrines, árvores na calçada, luzes, cores... - comuns às demais ruas pelo mundo. No entanto, o seu diferencial está no nome, que lhe atribui algo inerente aos seres vivos: Visão e sentimentos.

Entre tantas ruas  
Que passam no mundo  
A Rua do Olhar,  
Em Paris, me toca.

Como o autor tem uma relação intrínseca com o sentimento de solidão do homem na cidade, o olho da rua também é solitário e, como todo observador, é calmo e atento. Descrevendo-o com peculiaridade, o autor colocou suas próprias características naquele olhar, que também não está a fitar os tipos físicos dos que ali passam - não menciona cor da pele, altura, postura ou posição social, denunciados por meio de vestes ou acessórios - o que ele vê é o estado dos homens e interage com eles, silenciosamente e sem censura, oferecendo o que lhes possam trazer

alento, sem expô-los a uma sociedade ávida por más notícias. Letícia Malard<sup>2</sup>, a respeito de “Rua do olhar”, descreve:

No belo poema, a rua personifica-se num olho tranquilo e solitário, que pousa nas coisas cheio de perdão, conselho, cumplicidade, compreensão, amor. É uma forma subjetiva, abstrata, de ver a cidade e ser visto por ela. Esse olhar vê o visível – ao percorrer o corpo – e, através do visível, atinge o invisível – expresso na imagem de devassar a roupa. (MALARD, 2005, p.38).

Cabe agora mencionar a 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> estrofe do poema:

Imagino um olho  
Calm, solitário,  
A fitar os homens  
que voltam cansados.

Olhar de perdão  
Para os desvarios,  
De lento conselho  
E cumplicidade.

As casas e as pedras da rua não é algo a se considerar, são matérias insensíveis, sem sentimentos, mas o olhar tem alma, vê além do exterior e se entristece, se compadece e, com a cumplicidade de um conselheiro, estende a compreensão como forma de ajuda.

Rua do Olhar:  
As casas não contam,  
Nem contam as pedras,  
Inertes no chão.

Só conta esse olho  
Triste, na tarde,  
percorrendo o corpo,  
Devassando a roupa...

Como em outros poemas, o autor se coloca como o agente solitário mesmo em meio ao cotidiano da cidade. A “Rua do olhar” mostra uma ambiguidade em que o autor ora é o olho, ora é o transiente pela rua - uma vez que descreve com conhecimento o estado dos que ali passam. Contudo, o sugestivo olhar pode ter lhe dado a sensação de ter encontrado a atenção que gostaria de receber.

---

<sup>2</sup> Letícia Malard é professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Autora de *Ensaio de Literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos* e outros.

No poema *José*, Drummond encarna um indivíduo perdido no mundo, com dramas e conflitos que o aflige. Como bem diz Rita de Cássia Barbosa<sup>3</sup>, o poema “sintetiza as preocupações básicas do poeta neste momento: a consciência de seu ser-no-mundo, o questionamento do sentido da existência humana”.

O autor se encontra num momento de reflexão e desilusão com a vida e se funde numa visão pessimista do fim do caminho ou descaminho dali para frente. Numa ambiguidade em que descreve que o homem escolhe o seu destino e recebe, no final, o resultado da sua escolha, o poeta se desloca para uma universalidade do homem que segue solitário e sem rumo, como anônimos infelizes, vulneráveis e sem saída num cotidiano fatídico.

Drummond manifesta sua consciência em meio ao impacto da violenta e opressiva política do Estado Novo, no contexto brasileiro, e da Segunda Guerra, no contexto mundial. Ele conversa consigo mesmo, mas dá um nome para o seu eu receptor, propositalmente esse nome é José, nome comum aos brasileiros, levando assim alguns dos seus leitores a se identificarem com o personagem e outros a terem a impressão de que o conhecem. “Não é à toa que no poema “José” a apresentação do eu (bem variada, como vimos) escolhe enfim o emprego da *persona*: “José” é a máscara de um eu tornado genérico, imediatamente identificável ao homem da rua”. (MERQUIOR, 1975, p.52).

O autor começa o poema com uma pergunta de perplexidade, e *agora José?* E discorre mostrando o que foi e já não é mais, e termina com outra pergunta, *para onde?*

Em “José”, obtém Drummond, através da repetição de palavras ou grupo de palavras, o que T. S. Eliot chama de /e agora José?/ é a frase de conversação. Todavia essa interrogativa vai ganhando em intensidade e significado, passando o nome a representar as esperanças e angústias do ser humano. José é todos os homens e ele sente todos os problemas da humanidade. (BRAYNER, 1977, p.106 e 107).

No poema, o horizonte de José mudou de lugar, já não está além, está aquém, mas este caminho chamado vida não tem retrocesso, não há como voltar. José já não é jovem, mas a sua existência não terminou, o que acabou foi o que dá sentido a ela:

---

<sup>3</sup> BARBOSA, Rita de Cássia. **Carlos Drummond de Andrade**. In: Textos selecionados. 2. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,

Na vida de José não há uma dor real, provocada por acidente ou doença, o que há é uma nostalgia pelo que já foi alegre, festivo, brilhante e quente, como a presença de amigos que animavam seus dias. Mas agora José está só e se sente abandonado e solitário. A expressão *noite e frio* mostra não só o ambiente físico, mas também o estado de alma na vida de José, o vazio que não pode mais ser preenchido, pois a fama acabou, José agora não tem nome:

Você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?

Mas José é irônico, e zomba dos outros e mesmo no anonimato ele faz versos e é capaz de amar. “*Protesta?*”. Isso mostra que José também não se alienou, não ficou indiferente aos acontecimentos sociais, e protesta em busca de espaço numa época de massificação em que o povo era visto como objeto e não como sujeito.

Suas interpelações seguem com maior intensidade, pois reforçam a situação do homem que está carente de tudo:

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,

Sem sua mulher, que lhe dava carinho e aquecia suas noites, ele perde o sentido das palavras e fica sem discurso, e esta situação se agrava, provavelmente pela idade, ele não pode se refugiar na bebida ou cigarro. Tudo parece ter parado no meio da noite e José perdeu a hora certa para reagir e lutar.

E tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

Os conflitos de José não trazem nenhuma solução, pois são marcados por sentimentos opostos que vão da sensibilidade de uma doce palavra ao delírio febril, sua materialidade, comer ou não comer, já não faz diferença, seu conhecimento proveniente dos livros perdeu o sentido, sua riqueza é quebrável e seu ódio é incoerente:

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?

José quer seguir, mas está impossibilitado. Ele tem a chave, mas não existe porta, quer o fim através do mar, mas o mar secou, quer a infância de volta, seus sonhos, seu porto seguro, mas a sua infância ficou em Minas e esta já não existe mais:

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

José sente que não pode ficar na passividade, precisa manifestar-se - gritar, gemer, tocar valsa, cansar, dormir – mas está desiludido, e numa última tentativa de chamar a atenção para si, recorre ao ato final da existência: morrer, tal como o moribundo acredita que a morte lhe traria a atenção ou condolência de alguém, mas até a morte, que é inerente a todos, não lhe traz resultado, pois José é duro e não cede, como num gesto de bravura, recorre à imortalidade e não morre:

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,

se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

O autor usa um recurso bem regional para descrever a sua situação: Tal como Bicho-do-mato, José se sente acuado e sozinho no escuro e nem pode se refugiar numa fé religiosa, pois não professa nenhuma religião. Decepcionado com o palco da vida, não vê uma parede para se apoiar, deseja fugir como um guerreiro que na fuga de uma derrota se dispara com seu cavalo, mas a guerra de José não é física, no abstrato dos sentimentos não há cavalos pretos, e neste ceticismo marcado por desencontros, José não se encontra, mas também não para, José marcha, para onde?

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja de galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

Por fim, no poema *Rostos imóveis* fica evidenciado que o autor já concebeu em si a solidão, e este sentimento se aflora ao perceber que um retorno ao interior não lhe traria resultados positivos, pois nada será como antes. Em uma visita a sua terra natal e, começando por sua antiga casa, revirando álbuns de fotografias da família, se depara com a quantidade de familiares, amigos e pessoas próximas a ele ou que fizeram parte de seu cotidiano – como noiva, professora, chefe de trem, passageiros e até um inimigo – que já morreram. Ele anda pela casa e vê os retratos empoeirados na parede, vai até o quintal e suas imaginações trazem à lembrança os animais de estimação, as plantas, e um possível rio que fazia uma enseada próxima àquele lugar que também já morreram. O contraste com o que era vivo, se movia, era alegre, exalava perfume, produzia frutos e agora está morto, faz o autor transcender a morte para o abstrato, como esperança, paciência, sono, que também morreram, fazendo parecer que o lugar, que embora tenha luz e trabalha, esteja morto.

Pai morto, namorada morta.  
Tia morta, irmão nascido morto.

Primos mortos, amigo morto.  
Avô morto, mãe morta  
(mãos brancas, retrato sempre inclinado na parede,  
[grão de poeira nos olhos).  
Conhecidos mortos, professora morta.

Inimigo morto.

Noiva morta, amigas mortas.  
Chefe de trem morto, passageiro morto.  
Irreconhecível corpo morto: será homem? bicho?  
Cão morto, passarinho morto.  
Roseira morta, laranjeiras mortas.  
Ar morto, enseada morta.  
Esperança, paciência, olhos, sono, mover de mão:  
[mortos.

Homem morto. Luzes acesas.  
Trabalha à noite, como se fora vivo.

Em uma primeira leitura tem-se a impressão de uma epidemia ou uma catástrofe, mas ao constatar que o autor já não se encontra na sua idade juvenil, é de se esperar que aqueles que sobrevivem aos anos assistam àqueles que vão à frente, se sucumbindo à fatalidade natural, acidental, ou de forma provocada, cada um sendo recolhido no seu tempo. Porém, as fortes emoções levam o autor a não considerar o espaço de tempo já percorrido, então ele junta os acontecimentos e descreve-os de forma trágica e surreal. Lembranças e imaginações se fundem num caos e trazem a sensação de ouvir sons, sentir cheiros, maus cheiros e boca seca pela perplexidade do acontecido, provocando até pesadelos por reviver tantas lembranças doloridas e guardadas em seu subconsciente, que vieram à tona ao rever tais fotografias.

Bom dia! Está mais forte (como se fora vivo).

Morto sem notícia, morto secreto.  
Sabe imitar fome, e como finge amor.

E como insiste em andar, e como anda bem.  
Podia cortar casas, entra pela porta;

Sua mão pálida diz adeus à Rússia.  
O tempo nele entra e sai sem conta.

Os mortos passam rápidos, já não há pegá-los.  
Mal um se despede, outro te cutuca.

Acordei e vi a cidade:  
eram mortos mecânicos,



eram casas de mortos,  
ondas desfalecidas,  
peito exausto cheirando a lírios,  
pés amarrados.  
Dormi e fui à cidade:  
toda se queimava,  
estalar de bambus,  
boca seca, logo crispada.  
Sonhei e volto à cidade.  
Mas já não era a cidade.  
Estavam todos mortos, o corregedor-geral verificava  
[etiquetas nos cadáveres.  
O próprio corregedor morrera há anos, mas sua mão  
[continuava implacável.  
O mau cheiro zumbia em tudo.

O autor está agora na varanda e descreve-a como sem parapeito, demonstrando de forma simbólica a falta de segurança da casa que não foi capaz de proteger aos que nela viveram; e ali ele assiste o nascer e o pôr do sol, esta contemplação, no entanto, lhe coloca no centro desse ciclo, de começo e fim, de vida e morte, e se choca com a realidade que tudo se vai rápido demais e não há como se escapar. Olha seus pés que já foram pequenos e cresceram, mas mesmo grandes não lhes servem para uma fuga – agora eles atraem moscas, uma forma depreciativa de mostrar que o fulgor passou – e se declara irremediavelmente pobre, porém se recusa a entrar na roda. Também não quer ficar só e busca meios para solidarizar com a situação, mas sem fazer parte dela, contribuindo com gestos nobres, prometendo estar presente nos velórios, levando flores e despedindo com beijos na testa. Adiante, sem poder contar o tempo - que não se a alia a ele - se deparara com o frio, o inevitável frio final.

Desta varanda sem parapeito contemplo os dois crepúsculos.  
Contemplo minha vida fugindo a passo de lobo, quero  
[detê-la, serei mordido?  
Olho meus pés, como cresceram, moscas entre eles  
[circulam.  
Olho tudo e faço a conta, nada sobrou, estou pobre,  
[pobre, pobre,  
mas não posso entrar na roda,  
não posso ficar sozinho,  
a todos beijarei na testa,  
flores úmidas esparzirei,  
depois... não há depois nem antes.  
Frio há por todos os lados,  
e um frio central, mais branco ainda.

Enfim o autor se rende, passa a ver a morte como um estado de pureza e paz, esboçando-a como uma brancura capaz de apagar antigas desavenças e o tornando puro junto com os que já partiram. Descreve a paz como finas árvores e, em seu novo estado, lá de cima, ele vê o que antes lhe impunha barreiras, dificuldades, irritações e censuras, como montes, ribeiras, provocações e olhos, que agora são insignificantes, há paz em tudo! Descreve o Céu como brumas e lugar de reencontro com a família, onde o sol não se põe, e conciliado com seu passado, acredita que encontrará a doce paz na morte.

Mais frio ainda...  
Uma brancura que paga bem nossas antigas cóleras  
[e amargos...  
Sentir-me tão claro entre vós, beijar-vos e nenhuma  
[poeira em boca ou rosto.  
Paz de finas árvores,  
de montes frágeis lá em baixo, de ribeiras tímidas,  
[de gestos que já não podem mais irritar,  
doce paz sem olhos, no escuro, no ar.  
Doce paz em mim,  
em minha família que veio de brumas sem corte de sol  
e por estradas subterrâneas regressa às suas ilhas,  
na minha rua, no meu tempo — afinal — conciliado,  
na minha cidade natal, no meu quarto alugado,  
na minha vida, na vida de todos, na suave e profunda  
[morte de mim e de todos.

Contudo, não é saudável para o homem viver à espera da morte, a vida é feita de recomeços, de novas tentativas, e as cicatrizes devem ser tratadas com bom humor. Nos primeiros versos de seu poema “Consolo na Praia”, do livro A Rosa do Povo Drummond muda de perspectiva e mostra que sempre há algo que possa compensar uma perda, afinal, “a vida não se perdeu”, e é preciso protestar para consertar o mundo e alcançar a justiça.

Vamos, não chores.  
A infância está perdida.  
A mocidade está perdida.  
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.  
O segundo amor passou.  
O terceiro amor passou.  
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.  
Não tentaste qualquer viagem.  
Não possuis carro, navio, terra.  
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,  
em voz mansa, te golpearam.  
Nunca, nunca cicatrizam.  
Mas, e o humour?

A injustiça não se resolve.  
À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido.  
Mas virão outros.

Tudo somado, devias  
precipitar-te, de vez, nas águas.  
Estás nu na areia, no vento...  
Dorme, meu filho.

### **III. Conclusão**

Dentro desta temática, pode-se afirmar que o existencialismo humano requer muito mais que um habitat favorável que lhe forneça os elementos físicos para sobrevivência do corpo, tais como: Ar, água, solo e alimentos... A natureza humana é composta de necessidades que vão além do material e exige uma interação entre os indivíduos que lhes proporcionem a troca de afetos fazendo fluir o sentimento de amor, atenção, compreensão, proteção, reconhecimento, motivação, promoção e companheirismo. Tais sentimentos alegam o espírito, acalentam a alma em suas dores, alimentam a esperança, beneficiam o humor e a autoestima e acrescentam a criatividade para uma vida bem sucedida.

Entretanto, o isolamento humano tem levado milhares de pessoas a viverem sem essas interações, sucumbindo-se e à solidão e suas consequências nas mais diversas formas. O sentimento de perda, a frieza nos relacionamentos, e mesmo a ausência destes, têm roubado a alegria, a esperança e a perspectiva de um futuro promissor a se alcançar, assim o homem solitário segue sem foco e sem horizonte.

Carlos Drummond de Andrade, apesar de não indicar um caminho para solucionar a problemática do “sentir-se sozinho em meio a milhões”, abordou essa questão de forma poética, levando seus leitores a refletirem sobre valores perdidos e a importância de não se deixar sucumbir ao caos da inércia e do conformismo, mas a continuar marchando, afinal, a vida continua.

#### IV. Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMINHO, Marcos do. **Carlos Drummond de Andrade**. In: Panorama da época. 2. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARBOSA, Rita de Cássia. **Carlos Drummond de Andrade**. In: Textos selecionados. 2. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BRAYNER, Sônia. **Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

GLEDSOON, John. **Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

MALARD, Letícia. **No vasto mundo de Drummond**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1975.